Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-075-9
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Produções Didático-Pedagógicas

2013

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

Ficha para identificação da Produção Didático-pedagógica – Turma 2013

Título: A LINGUAGEM DO VÍDEO NA EDUCAÇÃO PELAS ARTES VISUAIS	
Autor: LEILA DE LOURDES SANCHES LACERDA	
Disciplina/Área:	**ARTE**
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	**COLÉGIO ESTADUAL ALBERTO SANTOS DUMONT - ENSINO FUNDAMENTA MÉDIO - APUCARANA**
Município da escola:	**APUCARANA**
Núcleo Regional de Educação:	**APUCARANA**
Professor Orientador:	**CLÁUDIO LUIZ GARCIA**
Instituição de Ensino Superior:	**UEL**
Relação Interdisciplinar:	
Resumo:	O presente trabalho visa O melhorar o estado de alheamento dos estudantes em relação à cultura local que tem me preocupado enquanto educadora. O cotidiano da cidade parece estar perdendo em importância para os estudantes da escola onde atuo. Essas influências, às vezes, incompreensíveis devido ao pouco tempo de reflexão que dispomos, têm alterado o cotidiano da escola. Nós devemos estar abertos para sentir o cheiro do ambiente, o som do canto dos pássaros, dos carros, trens e outras características sonoras que destaquem certas peculiaridades da cidade. Assim minha proposta para o aluno do ensino médio é *captar os sons do ambiente através do uso de celulares, gravadores, máquina fotográfica e registrar um instante da paisagem sonora de sua cidade e escola através do vídeo.*
Palavras-chave:	Percepção; Experimentação; Cultura visual; cidade; vídeo;
Formato do Material Didático:	**UNIDADE DIDÁTICA**
Público:	**ALUNOS**

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

UNIDADE DIDÁTICA

LEILA DE LOURDES SANCHES LACERDA

A LINGUAGEM DO VÍDEO NA EDUCAÇÃO PELAS ARTES VISUAIS

LONDRINA - PDE
2013

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO.....3

II. Rizoma (Vidilhando).....4

III. DESENVOLVIMENTO.....5

IV. Primeiro encontro: Conceituando a Cidade.....5

V. Segundo encontro: Cultura Visual.....8

VI. Terceiro Encontro: Percepções e o Flanar.....12

VII. Quarto e Quinto encontro: Análise das Captações.....13

VIII. Sexto encontro: Instruções de Edição.....13

IX. Sétimo Encontro: Edição de Som e Imagem.....13

X. Oitavo encontro: Compartilhando as Culturas.....14

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....15

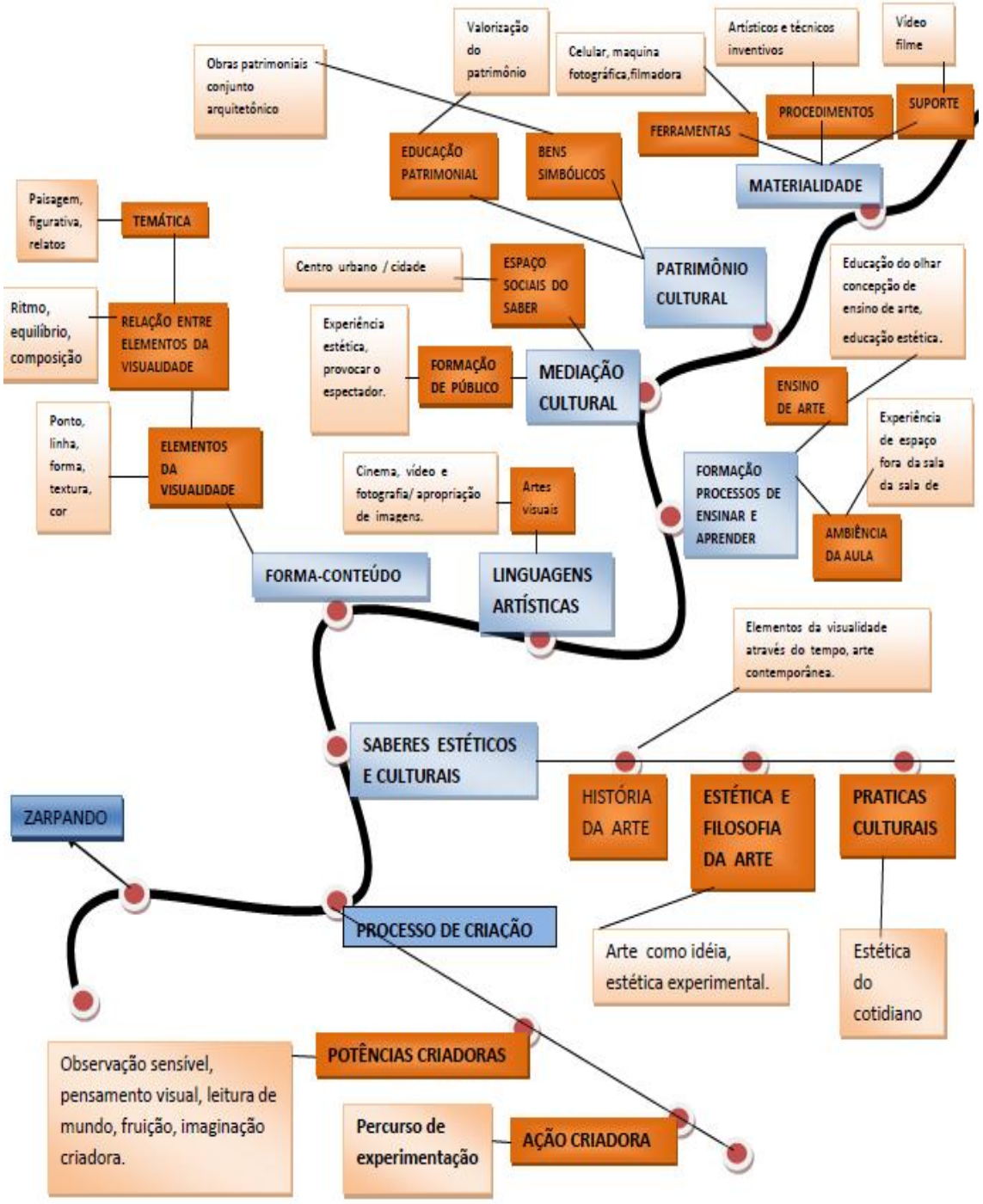
I. INTRODUÇÃO

O estado de alheamento dos estudantes em relação à cultura local tem me preocupado enquanto educadora. Talvez pelo poder das comunicações televisivas e, de um modo geral, da indústria cultural, os estudantes estejam ligados menos à vida real do que à virtual. O cotidiano da cidade parece estar perdendo em importância para os estudantes da escola onde atuo e acredito que esta pode ser a situação. Essas influências, às vezes, incompreensíveis devido ao pouco tempo de reflexão que dispomos, têm alterado o cotidiano da escola.

A possibilidade de utilizar análise de filmes criados pelos próprios alunos propõe que o cinema seja mediador na construção de conhecimento, e ajude a desenvolver a criatividade artística e intelectual, priorizando a construção de um olhar crítico e sensível onde o aluno irá construir um novo saber, num exercício reflexivo de seu olhar sobre a cidade de Apucarana-PR, ampliando sua experiência estética, trabalhando o conceito de cidade, cultura visual e a importância do seu olhar diferenciado sobre o meio ao qual está inserido. A experiência de colher imagens em vídeos da cidade, dos caminhos que eles percorrem, por exemplo, da casa até a escola e a edição destas, justificam os métodos a serem adotados para valorizar e tornar consciente a importância do sítio urbano onde residem.

Nesta ilustração da obra de Sebastião Salgado, podemos observar a cidade como um espaço investigativo, cultural, sendo considerado um lugar de encontros e descobertas. A motivação, a proposta a ser seguida, o despertar da curiosidade, aprimora o que o discente já conhece sobre o tema, valorizando tudo o que ele poderá conhecer. A ideia é estimular o aluno a pesquisar sobre o tema e indicar a ele diferentes recursos para utilizar no trabalho.

II. Rizoma (Vidilhando)



PROFESSORA PDE – UEL - LONDRINA

LEILA DE LOURDES SANCHES LACERDA

III. DESENVOLVIMENTO

Para os fins desta pesquisa, utilizamos como principal referencial teórico, Fernando Hernández. O autor de vários trabalhos intelectuais na temática artística, pensa na imagem para a compreensão da cultura visual e uma reformulação curricular que a contemple. Acredita que os projetos vão além dos limites curriculares. Sendo assim, o autor indaga que os projetos:

> Implicam a realização de atividades práticas; os temas selecionados são apropriados aos interesses e ao estágio de desenvolvimento dos alunos; realizam-se experiências de primeira mão, como visitas, a presença de convidados na sala de aula; deve retratar algum tipo de pesquisa; trabalhar estratégias de busca, organização e estudo de diferentes fontes de informação; implicam atividades individuais, grupais e de classe, em relação às diferentes habilidades e conceitos que são aprendidos (HERNÁNDEZ, 2000 p.181).

Os alunos terão acesso a registros visuais como vídeos, fotos e textos. Serão formuladas perguntas que estimulem a exploração do tema, por isso deve-se promover o diálogo fazendo com que o aluno contribua com suas ideias e ações no desenvolvimento do trabalho.

Devem documentar, através do registro escrito e ilustrado a gravação; a captura de imagens; os sons; em diários que se tornarão portfólios do desenvolvimento individual e coletivo, e se observará o desenvolvimento da percepção através do trabalho.

IV. Primeiro encontro: Conceituando a Cidade

> *"A cidade. Os modernos quase que completamente esqueceram o verdadeiro sentido desta palavra: a maior parte confunde as construções materiais de uma cidade com a própria cidade e o habitante da cidade com um cidadão. Eles não sabem que as casas constituem a parte material, mas que a verdadeira cidade é formada por cidadãos."*
>
> Jean-Jacques Rousseau - O Contrato Social

Vista como a interferência mais abrangente do ser humano no ambiente, pode ser entendida como síntese da civilização, cujo modo e qualidade de vida atinge não apenas sua estrutura, mas sua influência ao redor do mundo urbano ultrapassando fronteiras. Além de habitat a cidade é o lugar

onde o ser vivente pode melhor desempenhar sua intelectualidade, suas atividades em grupos sociais, ampliando a diversidade e a liberdade. Ao mesmo tempo em que promove a democracia e civilização, a cidade tem a tarefa de formar espaços amigáveis onde os conflitos possam ser resolvidos de forma sadia e sustentável. É definida também como área urbana onde ocorrem atividades de cunho comercial, industrial, cultural onde com a convivência, as pessoas constroem e se auto constroem (BRAGA; CARVALHO, 2013).

Para esta intervenção, fora utilizado o texto "A cidade como espaço de possibilidades educativas: seus lugares, seus habitantes, seus ofícios, sua cultura" (Anexo I). Trabalharemos conceituando a cidade com o uso do texto e de imagens, para que o aluno observe e adéque sua percepção visual.

Ao discutir a escola como parte da cidade, solicitamos aos alunos que fizessem um mapeamento da localização da escola no bairro, conectando-a com outras áreas mais abrangentes. Por exemplo, o Colégio Estadual Alberto Santos Dumont fica na parte central da cidade de Apucarana, em frente ao prédio da Prefeitura Municipal, espera-se que os alunos associem as principais localidades ao redor da escola.

Ao mesmo tempo, temos como desafio a construção de um olhar diferenciado, como quem acaba de nascer para o mundo. Gosto de repensar este momento como se uma pessoa cega voltasse a enxergar, onde o alunos passam a ver a cidade construída ao longo dos tempos, cuja história é formada por seus habitantes, ofícios, cultura, enfatizando que a cidade é feita pelas mãos daqueles que a constroem.

Vista aérea da cidade no começo da década de 1960

Fonte: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=717118&highlight=paran%E1

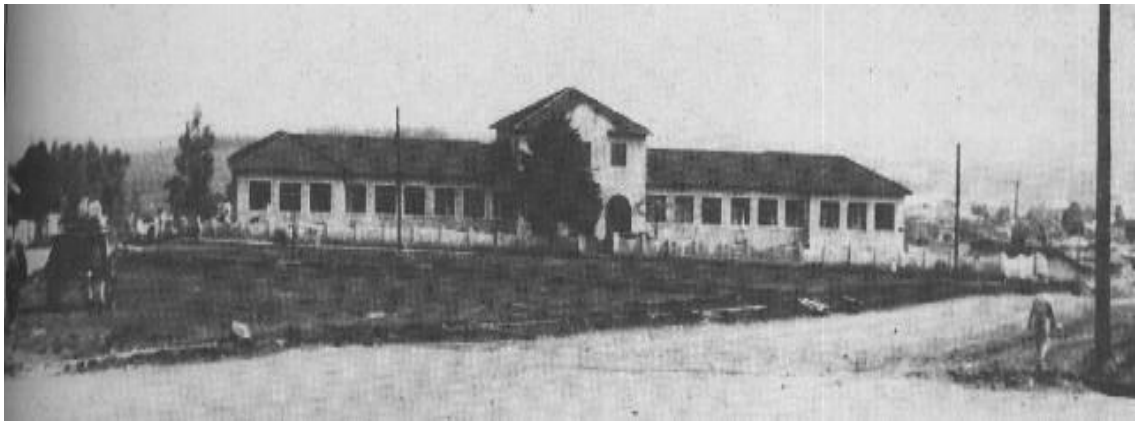
Vista aérea da cidade no final da década de 1960

Fonte: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=717118&highlight=paran%E1

Vista aérea da cidade atualmente

Fonte: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=717118&highlight=paran%E1

Colégio Estadual Alberto Santos Dumont em 1943



Fonte:http://www.apusantosdumont.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo

Colégio Estadual Alberto Santos Dumont atualmente

Fonte:http://www.apusantosdumont.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo

Questionamentos:

- *O que você sabe sobre a cidade onde mora?*
- *O que caracteriza a sua cidade?*
- *Quais são os pontos da cidade que você destaca?*
- *Como você descreveria sua cidade para alguém que não a conhece?*

V. Segundo encontro: Cultura Visual

O estudo e descrição dos povos, com suas raças, línguas e cultura, dão origem ao que chamamos de etnografia. O ambiente escolar proporciona uma miscelânea tão diversificada que não há ambiente mais favorável para a aplicação deste projeto. Se tratando de cultura, podemos citar a obra de Dominique Julia no que tange a construção da cultura escolar, que indaga:

> [...] a escola cria, propaga e repercute um modelo cultural cujo *habitus* combina tradições do mundo clerical com tradições cívicas [...] a escola estabelece, reproduz e perpetua tradições: tudo ao mesmo tempo; e, mesmo assim, ao longo de gerações [...] a situação da cultura escolar enfrenta e incorpora simultaneamente outras culturas, expressas pelo impacto dos meios de comunicação de massa, pela família, além de, especialmente, pelo que se tem hoje caracterizado como cultura juvenil (BOTO, 2003 p. 384).

Acredita-se que as manifestações sócio-culturais interfiram na maneira como esses alunos veem a cidade. Segundo Dayrell (2013) ver os alunos como participantes de um espaço sócio-cultural denota compreendê-los sob esferas que levam em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se habitual, levado a efeito em relação ao gênero, ao grau de instrução, etnia, adultos e adolescentes, educadores e educandos, seres humanos concretos, sujeitos sociais, ou seja, que possuem uma história, uma visão de mundo e atuam historicamente. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

Uma cultura visual existe ao mesmo tempo dentro e fora de cada um, aproveitar elementos do meio urbano desenvolve a percepção do ambiente, as habilidades adquiridas ajudam o aluno a considerar o meio como elemento de cultura. (HERNÁNDEZ, 2000). A cultura concerne nas diferentes formas de expressões das pessoas. A partir daí a cidade é vista como intensa, dinâmica, e traz consigo um contexto histórico construído pelos sujeitos que nela habitam ou já habitaram. É uma junção de “valores, usos, hábitos, crenças, que narram uma história” (GUIMARÃES, CAMPELLO, 2010).

Diferentes profissionais e classes sociais. São dois dos pontos básicos que fazem com que a cidade adquira uma identidade própria e, assim, acabem por diferir-se culturalmente. Muitas vezes, com a correria do dia-a-dia não prestamos atenção aos sons que permeiam a cidade. (GUIMARÃES, CAMPELLO, 2010).

> Vivemos, fazemos parte da cultura visual e [...] estamos inundados por uma extraordinária variedade de imagens e, sobretudo, de imaginários visuais. Essa forma de aproximação dos objetos visuais implica colocar num segundo plano a crença de que o valor estético dependa de uma resposta universal e que esta resposta esteja representada pelos membros mais “sofisticados” da nossa comunidade (HERNÁNDEZ, 2000, P. 133).

Independente de sua classe social, o indivíduo possui participação ativa no meio ao qual está inserido, apesar de muitas vezes não ter consciência disso. Mesmo as classes menos favorecidas são abastadas de cultura, seja ela visual ou estética. Por exemplo: morar em um local muito

desfavorecido socialmente, mas, ao mesmo tempo, estar inserido no meio de uma das paisagens mais bonitas da cidade.

> Orson Welles tratava do cinema como sendo uma fita de sonhos,[...] já Tarkóvski, referia-se a ele como uma arte onírica. [...] Jean-Patrick Machette diz que o cinema são as idéias visíveis. Manuel de Oliveira define o cinema como uma saturação de signos magníficos que se banham na luz de sua ausência de explicação (XAVIER, 2008 p.18).

A imagem visual aparece em grande destaque na vida das pessoas, estão a todo instante sendo apresentadas e reapresentadas ocupando um grande espaço midiático. É importante ver e analisar a imagem valorizando o que se herda culturalmente, sendo o sujeito consciente de que participou enquanto a utilizou e a construiu. Meios tradicionais e contemporâneos devem ser experimentados para que se desenvolva o pensamento crítico a fim de que se consiga analisar a imagem de forma que se consiga atribuir um significado à ela. (BARBOSA, 2002). As produções de vídeo configuram-se como linguagem essencialmente atual com influência direta e indireta onde:

> Pensar a imagem fílmica como um dispositivo, que pode nos levar a sentir e tocar-nos de modo a fazer com que construamo-nos de maneiras diferenciadas sempre, agregando novos sentidos, posicionamentos e alterando nossas visões de mundo, conforme somos afetados pelo que vemos e pelas relações construídas a partir do visto. Ou seja, busca responder à pergunta de como nos tornamos *bricoleurs* em nosso cotidiano, recortando, rasgando, agregando, somando, subtraindo e sobrepondo imagens que acabam por fim dizendo muito a respeito de nós (ROSA, OLIVEIRA, 2009 p.7082).

As imagens captadas por vídeo ampliam o campo de visão, assim, podem ser problematizadas e ponderadas segundo as conseqüências do que, ao serem vistas, provocarão naquele que as viu. As imagens estabelecem diálogo entre o visto nos filmes e o visto em nossas vidas (ROSA, OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Xavier (2008) a relação entre cinema e educação, nos faz pensar não somente sobre o cinema em si, mas como um todo, sobretudo, do que ele coloca em foco. “O cinema incorpora uma dimensão formadora de várias formas de arte que cumprem um papel decisivo na educação”. A questão não é só passar conteúdos, mas também promover transformação no pensar.

Essa experimentação abre a possibilidade de se ver a arte além da disciplina. Por isso, segundo Kincheloe (1997) o acesso público ao conhecimento nas instituições de ensino e na sociedade deve ser tido como principal pois, “se o conhecimento é uma forma de capital cultural, então a falta de acesso a ele cria os maiores problemas para aqueles que estão nas margens da cultura do conhecimento” (KINCHELOE, 1997, p. 187).

Jonh Dewey (2010) outrora, indagou que cada indivíduo possui de maneira diferenciada uma percepção, por isso sua manifestação cultural se torna:

> [...] um registro e uma celebração da vida de uma civilização. Isso porque, embora ela seja produzida e desfrutada por indivíduos, esses indivíduos são como são, no conteúdo de sua experiência, por causa das culturas de que participam”. (DEWEY, 2010, p. 551).

Desta forma, entende-se que somos seres culturais e que os nossos pensamentos e nossas ações são mediadas pelas nossas vivência sociais. Através das imagens abaixo, exemplificamos a cultura japonesa no Brasil e no Japão, nota-se que a cultura do povo japonês é preservada pelos seus descendentes.

https://www.google.com.br/imagensculturajaponesanobrasil

Atividade Proposta:

Relate as atividades culturais presentes em sua cidade e em seu bairro e registre no portfólio. Tire ou pesquise fotos que demonstrem esta manifestação cultural.

VI. Terceiro Encontro: Percepções e o Flanar

A presença da arte na cidade se apresenta através da ação humana e marca o cenário cultural da rotina de seus habitantes, no modo de vida e nas relações sociais de natureza urbana. Os conhecimentos e valores culturais são, ao mesmo tempo, determinados e determinantes dos significados de uma época e sociedade.

> A configuração das cidades seria outra caso usássemos nosso *corpo-andante* de outro jeito. *Flanar, vagar, derivar, errar* configuram-se como motores para pensarmos para além da arquitetura sedimentada, desviando-nos para perseguir a possibilidade de uma cidade performativa. Trata-se do deambular como arquitetura da paisagem, do caminhar como forma de arte autônoma, ato primário de transformação simbólica do território, instrumento estético de conhecimento e modificação física do espaço "atravessado" que se converte em "intervenção urbana" (AMARAL, 2013 p.2).

Devemos passar a ver a cidade não em sua forma ou função, mas na maneira como as pessoas que nela vivem a compreendem e principalmente a representam.

> As três propriedades mais recorrentes das errâncias – se perder, lentidão, corporeidade – estão intimamente relacionadas, e remetem a própria ação, ou seja, a prática ou experiência do espaço urbano. O errante urbano se relaciona com a cidade, a experimenta, e este ato de se relacionar com a cidade implica nesta corporeidade própria, advinda da relação entre seu próprio corpo físico e o corpo urbano que se dá no momento da desterritorialização lenta da errância. Para resumir pode-se dizer que o errante faz seu elogio à experiência principalmente através da desterritorialização do ato de se perder, da qualidade lenta de seu movimento e da determinação de sua corporeidade. As três propriedades poderiam ser consideradas como resistências ou críticas ao pensamento hegemônico contemporâneo do urbanismo que ainda busca uma certa orientação (principalmente através do

> excesso de informação), rapidez (ou aceleração) e, sobretudo, uma redução da experiência e presença física (através das novas tecnologias de comunicação e transporte) (AMARAL, 2013 p. 5).

A música pode representar social e imaginariamente a cidade. Nós devemos estar abertos para sentir o cheiro do ambiente, o som do canto dos pássaros, dos carros, trens e outras características sonoras que destaquem certas peculiaridades da cidade.

Atividade Proposta:

Assista ao filme "O Som do Coração" e relacione-o com as análises propostas:

- *Quais percepções você conseguiu reconhecer no filme?*

- *Analise o ambiente no qual estamos inseridos e promova uma comunicação interativa entre ouvinte e o meio ambiente.*

- *Captar os sons do ambiente através do uso de celulares, gravadores, máquina fotográfica e registre um instante da paisagem sonora de sua cidade e escola.*

VII. Quarto e Quinto encontro: Análise das Captações

Nestes encontros serão analisadas a captação sonora realizada pelos alunos e os mesmos estarão livres para a filmagem através de celulares ou câmeras fotográficas do percurso realizado pelo aluno desde sua casa até a escola.

VIII. Sexto encontro: Instruções de Edição

Análise das filmagens realizadas pelos alunos e orientação de edição no programa movie-maker, os alunos receberão instruções de montagem de vídeos com edição de vídeo, imagens e sons.

IX. Sétimo Encontro: Edição de Som e Imagem

Os alunos farão a edição de som e imagem através do programa movie-maker.

X. Oitavo encontro: Compartilhando as Culturas

Todos os alunos participantes verão os vídeos uns dos outros. Através da visualização, os alunos estarão mostrando o seu modo de ver a cidade e o percurso que fazem até a escola. Após verem os vídeos uns dos outros, os alunos farão uma apresentação explanada do portfólio, demonstrando curiosidades, dificuldades e aprendizagens ocorridos durante os encontros

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. **Coletivo expandido: flanar, vagar, derivar, errar. Quando o encontro se transforma em corpo coletivo, corpo andante.** Disponível em: http://webartes.dominiotemporario.com/performancecorpopolitica/textes%20pdf/coletivo%20expandido%20flanar,%20vagar,%20derivar,%20errar%20lilian%20amaral.pdf Acesso em: 20 de Outubro de 2010.

BRAGA, R.; CARVALHO, P. F. de. **Cidade: espaço da cidadania.** Disponível em:http://redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/cidade%20espa%C3%A7o%20da%20cidadania%20rbraga11.pdf Acesso em 20 de Outubro de 2013.

BARBOSA, A. M.(org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2002.

BOTO, C. **A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito**. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 378-397, dezembro 2003

DAYRELL, J.T. **A escola como espaço sócio-cultural.** Disponível em: <http://ensinosociologia.pimentalab.net/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-espa%C3%A7o-socio-cultural.pdf > Acesso em: 17 de Junho de 2013.

DEWEY, J.; BOYDSTON, J. A.; KAPLAN, A. **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010. 646 p. (Coleção todas as artes).

GUIMARÃES, L. M. B. de (org.); CAMPELLO, S. M. C. R. (org.); **Módulo de Estágio Supervisionado 2 de Licenciatura em Artes Visuais.** Brasília: LGE, 2010.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000

KINCHELOE, J. L. **A formação do professor como compromisso político. Mapeando o pós-moderno.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ROSA, A. N. da; OLIVEIRA, M. O. de. **A imagem cinematográfica e a construção da subjetividade do professor em formação inicial em artes visuais.** 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais- 21 a 26/09/2009 – Salvador, Bahia.

XAVIER, I. **Um cinema que "educa" é um cinema que (nos) faz pensar.** Educação e Realidade v.33(1) Jan/Jun 2008 p. 13-20.